

Quimera

Paulo Eduardo Coelho da Rocha

*Unreal city,
Under the brown fog of a winter dawn*

– T. S. Eliot

Noturnizante camada de álgida névoa cobrira o vale do Cosme Velho naquela manhã de inverno. Sentado na varanda, Murilo tomava um café. Recostou-se na poltrona para contemplar a paisagem. Lá do alto de Santa Teresa, a visão era sombria: verdejantes longitudes sinuosas de morros se ocultavam sob a nuvem caliginosa que estacionara por cima. Murilo fixou a imagem por alguns instantes, cerrou as pálpebras suavemente e acabou por sucumbir a uma ligeira sonolência, um torpor benigno que lhe não tolheu substancialmente a consciência, fazendo-a imergir, com muita suavidade, a menos de um palmo do estado de alerta, mantidos ainda sob controle os comandos do seu pensamento. Naquele momento, aspergiram-se-lhe na memória versos esparsos de Álvares de Azevedo. Murilo os desdobrou, completando-os com algumas estrofes de sua própria invenção, cujo teor lhe evaporava da mente com a mesma volubilidade com que as fabricava. Quedou-se naquele plectro por longo instante...

Não foi a primeira vez. O freqüente exercício daquela faculdade onírica era para Murilo um deleite, e como se para tanto lhe não bastasse a predisposição inata, o absoluto silêncio que imperava na casa convidava-o a tais transportes.

Murilo tinha vinte e nove anos e jamais saíra de seu lar, no alto de Santa Teresa. À parte esse aspecto, não se poderia dizer que a vida de Murilo fosse árida e minguada, de maneira alguma. Pois, desde a morte de seu pai, herdara não apenas aquela casa, no alto de Santa Teresa, mas com ela também a enorme biblioteca, com estantes de mogno, cujos livros lhe foram nutrindo os dias e os anos assim como a hóstia diária nutre o espírito aos crentes.

Murilo emergiu e olhou a vista, respirando fundo para sentir o frescor adstringente do ar que soprava leve de dentro da floresta virgem. Levantou-se, foi até uma estante próxima. Circunvagou os olhos pelos livros e retirou o tomo dos *Poemas Completos* de Keats que sobressaía na prateleira mais alta; abriu-o, compulsou-lhe as páginas e, sentando-se vagorosamente na sua poltrona, entrou a pensar no destino de Endímion; e cerrando as pálpebras, foi inconscientemente, pela vaporosidade duma visão sonâmbula, transpondo os feéricos umbrais do seu Elísio idílico, percorrendo as virgindades agrestes de suas coxilhas, a rórida relva dos seus bosques, a uberdade das suas árvores de copas ciciantes, para então aninhar-se no cálido abraço de um leito de feno, e dormir o eterno sono contemplativo, sob o cúpido olhar de Selene, a deusa lunar...

Assim era o dia-a-dia de Murilo. Vivia num estado de assombro, num permanente arrebatamento diante da criatividade inconsulta dos livros da sua biblioteca de mogno.

Nos vinte e nove anos em que permanecera em casa, Murilo jamais experimentara o tédio. Na sua concepção, a arte era tão vasta e tão generosa, que ele não podia encontrar sentido para aquela palavra e nunca chegou compreender como puderam existir poetas de talento que cultivassem o *spleen* a ponto de transformá-lo em poesia.

No entanto, naquela cinzenta manhã de inverno – um inverno frio, infreqüente no Rio – seu destino haveria de mudar. Porque Murilo foi até a cozinha com a intenção de fazer mais um café – do qual dependia sua restrita eternidade – e descobriu que não havia mais pó algum na despensa.

Achava-se agora entre Cila e Caríbdes. Sair de casa para comprar café lhe soava uma incoseqüência. De outro lado, não podia ficar sem café, que integrava a sua própria ecceidade. Aquilo o deixou profundamente exasperado.

Olhou de lado. Na parede ao fundo da sala, o retrato a corpo inteiro de seu pai o remeteu ao passado da sua juventude. Crescera numa redoma, vivera como príncipe naquele seu pequeno palácio, educado para a fruição da beleza e para o exercício da contemplação. Fora cercado de todos os cuidados, provido de todas as necessidades, de tal modo que pudesse dar livre curso às suas potencialidades e dedicar-se exclusivamente à sua vocação. Indagou-se por que seu pai não o quis

preparado para as tarefas mais mezinhas do cotidiano. Seu pai nunca o incentivara, nunca sequer sugerira a hipótese. Naquele instante, Murilo quase o amaldiçoou.

Conteve-se, porém. Não, pensou Murilo, não fora puro desmazelo de seu pai. De alguma forma, quisera protegê-lo. Nas poucas ocasiões em que Murilo pudera entrever por estreitas frestas uma outra realidade, outros espaços para além das suas fronteiras, sentira uma presença malsã. Talvez tudo aquilo fosse uma quimera sua, mas ainda que o fosse, sentia que seu pai o quisera preservado de um mundo no qual, pensando bem, jamais seria bem sucedido.

Sim, pensou Murilo, realmente fora melhor assim. Não imaginava para si outro destino que não aquele. Parecia-lhe, ou melhor, *sabia* que sua vida fora amplamente conseguida; sabia-se plenamente realizado naquele seu domínio, onde exercia dons plenipotenciários.

E no entanto, naquela manhã, Murilo seria inexoravelmente forçado a sair de casa para comprar café. Fechou as janelas dos cômodos, passando a vista pelos móveis e pelas estantes, trancou a porta, cruzou o pátio externo em direção ao portão.

Mas ao abri-lo, Murilo não viu rua nem calçada.

Alguns passos à frente, um cercado irregular, improvisado com tapumes podres de compensado, atravessava-lhe o caminho. Murilo notou uma estreita passagem no canto esquerdo. Entrou e deu no quintal dum barraco. Um vira-lata esqualido, de um pêlo preto e ralo, machucado aqui e ali de câncros e bostelas, dormitava ao lado de um canil. Quando notou a presença de Murilo, levantou-se de golpe e pôs-se a vibrar um latido horroroso. Murilo retrocedeu aos tropeços pelo portão de casa.

Então se lembrou da portinhola lateral que, segundo seu pai dizia, levava ao pomar do vizinho. Cruzou diagonalmente o pátio externo, desceu os degraus que conduziam à lavanderia e abriu a portinhola, projetando-se mais uma vez para fora de casa.

Mas não havia pomar.

Metros adiante, um monte de entulho e lixo barrava-lhe a passagem. Insetos zuniam sobre o monturo. Uma grande ratazana se ocultou freneticamente num buraco ao pé do muro. Murilo considerou a hipótese

de escalar aquele obstáculo, mas ao se aproximar dele, olfatou o violento choque dum fedor nauseante, que o fez recuar.

Foi andando rente ao muro de casa, pelo lado de fora, circundando-a até o lado oposto. Em todo o perímetro, paredes a tijolo nu e tapumes de compensado dividiam os fundos de uma série de barracos, erigidos compactamente em derredor de sua casa. Não encontrou passagem que lhe ganhasse a rua. Logo à frente, agachou-se para evitar um varal de velhos vestidos e outros trapos de roupas oleosas. Foi surpreendido na face com o bafejo duma fumaça gordurosa de churrasco. Massacrava ao longe a percussão de alguma música desmelódica. Vozes de crianças ecoavam lá e cá. Gorgoreavam pombos sobre as migalhas dum pão velho. Um gato espiava.

Chegando ao lado oposto, Murilo viu uma betesga que se abria entre duas fileiras de barracos, uns pintados de branco, outros de verde claro, e outros com paredes a tijolo nu. Antes que pudesse seguir, viu surgir de um dos barracos à direita um homem, que olhava à volta como se procurasse alguém. Murilo retrocedeu alguns passos e se escondeu atrás dum tapume podre de compensado, enquanto o observava.

Era um mulato de seus vinte e poucos anos, média estatura, magricela, de rosto oblongo adornado de um fino bigode. Desagasalhado, vestia apenas uma camisa larga, encardida nas axilas, puída nos bordos da gola, e que, aberta nos botões superiores, revelava a cabelugem negra do peito, por baixo da qual se podia notar um brilho hircoso de suor. Na mão esquerda trazia um rádio-comunicador, que emitia ruídos intermitentes. Na sua cintura via-se o cano cinza de um rojão. Do seu ombro pendia um enorme fuzil, preso por uma alça. Com a mão direita segurava uma garrafa, por cujo gargalo engolia o líquido em movimentos bruscos.

De repente, o homem virou-se e lançou longe a garrafa, que pousou no chão de terra batida e rolou, vindo parar, inteira, aos pés de Murilo. E permaneceu ali o mulato, andando em círculos e vociferando palavras de ódio ou desespero.

Murilo recolheu a garrafa. Leu o rótulo: cachaça. Restavam ainda uns poucos dedos. Silenciosamente, levantou-se e voltou pelo caminho de onde viera. Fechou a portinhola lateral, subiu a escada da lavanderia, cruzou o pátio externo e entrou em casa, trancando a porta atrás de si.

Na cozinha, parou e escutou. A percussão da música ainda reboava, agora um pouco abafada. Pôs a garrafa sobre a mesa. Abriu a tampa, aproximou o nariz e, fechando os olhos, inalou. A exalação etílica golpeou-lhe repentinamente a membrana pituitária e Murilo retraiu violentamente a cabeça, num ato-reflexo.

Foi até a sala. Olhou à volta. Encarou a linda biblioteca, com prateleiras de mogno, repletas de livros. Tentou lembrar algum poeta, mas nenhum nome lhe ocorreu. Aproximou-se duma estante e puxou a eito um volume qualquer. *O Rei menos o Reino*. Tentou recordar algum verso, nada veio. Concluiu que não havia lido aquele livro; enquanto o folheava, foi andando até a varanda. Sentou-se na poltrona.

Neste instante, Murilo ergueu a vista do livro e contemplou a paisagem. Não havia névoa alguma no horizonte. Milhares de barracos revestiam as encostas de todo o vale do Cosme Velho, formando uma única e homogênea favela.
